

REFLEXÕES SOBRE A INFLUÊNCIA POSITIVISTA NO PENSAMENTO BRASILEIRO

Luciana M. G. Höffling

UNESP; Mestranda em Filosofia da Educação da PUC Campinas.

I – INTRODUÇÃO

Qualquer idéia ou relação filosófica ou científica, por mais simples e familiar que pareça, tem freqüentemente uma evolução marcada por negações, lutas e alterações, ou em outras palavras, uma história, sem cujo conhecimento e análise não nos é possível chegar ao seu valor e significação reais.

Recorrer portanto, a uma perspectiva histórica, pareceu-nos de fundamental importância para o tratamento do tema em questão: **refletir, a partir de alguns estudos já realizados, sobre o que foi e o que é, ainda hoje, a influência do positivismo no pensamento brasileiro, como e porque ela se deu e ainda persiste.**

Por isso, neste trabalho, sem grandes pretensões e mesmo sem o rigor científico que a importância do assunto exigiria, e dado o estágio bastante limitado e ainda inicial dos nossos estudos a esse respeito, ao nos propormos refletir sobre a influência positivista no pensamento brasileiro, tentaremos reportar-nos a um momento bem definido da história das idéias no Brasil, caracterizando ainda, a situação em que ele se deu.

II – O QUE REPRESENTOU O POSITIVISMO NO BRASIL – ALCANCE E IMPLICAÇÕES

Como se pode constatar através da leitura dos inúmeros historiadores das idéias no Brasil, fomos, no início do século XX e em todo o século XIX, decididamente marcados pelo pensamento de Augusto Comte. Tanto assim, que enfatiza A. Paim em um de seus trabalhos sobre a filosofia no Brasil: "...é ao estudo atento da influência do positivismo que se deve recorrer, quando se pretende compreender o sentido de nossa meditação filosófica contemporânea."¹

Algumas idéias mestras do sistema de A. Comte foram simplesmente transplantadas para o nosso sistema nacional de ensino a partir do século XIX e inoculadas nas gerações que se sucederam, da mesma maneira que sua doutrina se tornou uma espécie de ciência oficial nas escolas militares brasileiras, de tal forma que o positivismo se transformou assim, numa espécie de mentalidade dominante em todos os setores da intelectua-

lidade brasileira e dos nossos políticos atuantes, uma mentalidade que se acha presente ainda em nossos dias.²

A persistência dessa mentalidade positivista constitui, pois, fato central no desenvolvimento das idéias filosóficas no Brasil no período contemporâneo, e tem sido claramente caracterizada por alguns importantes analistas e estudiosos do assunto como: Antonio Paim, Ivan Lins, João Camilo de Oliveira Torres, Miguel Reale, Geraldo Pinheiro Machado, entre outros.

O que se verifica sobretudo, é que o positivismo alicerçou-se com suas reflexões não só no campo político e social, mas também nos terrenos da filosofia e da ciência, instalando-se dogmaticamente em nossas escolas, "...cujos professores não faziam outra coisa senão salvaguardar a fidelidade aos ensinamentos defendidos nas obras de A. Comte"³, desestimulando e mesmo proibindo qualquer tipo de inquirição e crítica, oferecendo assim, um saber pronto e acabado às novas gerações.

Geraldo Pinheiro Machado chega, por exemplo, a assinalar a expressão positivista não só no conjunto da cultura ou no cenário político-social brasileiro, mas também no "modo de ver brasileiro" ou como comportamento e pensamento do homem médio brasileiro, numa espécie de "visão popular brasileira", ou ainda, em certos "brasileirismos" onde se cristalizaram alguns conceitos positivistas como: a tendência pacifista e a aversão à violência do povo brasileiro em geral, o respeito aos militares e a visão de sua função mais para garantir a paz do que para fazer a guerra, a desconfiança em relação à ação do governo ou do Estado, decorrente de uma exagerada expectativa de eficácia da mesma, o amor à ordem e segurança coletivas, e finalmente, a tendência a uma oposição mais verbal que efetiva ao governo constituído⁴.

É esta ainda a posição de A. Roberto de Paula Leite, que nas sessenta páginas de seu livro "Presença de Alberto Sales", ao analisar os pensamentos e teorias comtianas no século XIX no Brasil, apresenta-os de um lado confirmados pelos eventos históricos que os antecederam (independência dos EE.UU, a nova ordem política em França e a própria Inconfidência Mineira no Brasil) e os sucederam (abolição da escravatura e eminência da instauração da República), e de outro lado, assumindo "foros de conscientização", isto é, transformando-se de pontos de vista individuais numa consciência coletiva e nacional⁵.

Na verdade, se confirma aqui mais uma vez, que as filosofias e os sistemas filosóficos não surgem espontaneamente ou do nada, pelo contrário, fazem parte de seu tempo histórico, isto é, dos desejos, anseios, problemas e mistérios de sua época. "Correspondem..., como diria Evaristo de Moraes Filho,...ao estado geral das ciências que lhes são contemporâneas, procurando lhes dar uma base conceptual e sistemática...,uma coerência metodológica" etc...⁶

Assim foi o positivismo para o século XIX.

“Representou uma visão de conjunto das ciências naturais e do seu impacto na sociedade moderna surgida depois da Revolução Francesa. Não se limitou à elocubração de um homem só,...transformando-se em capa de cultura de todo um século”⁷.

E continua Evaristo de Moraes Filho, parafraseando Benrubi, Poirier e Henri Gouhier: “...não é o positivismo uma teoria abstrata, e sim um sistema de vida típica do século XIX. Penetra todo o conjunto do pensamento e da ação...,procedendo dele todo o esforço contemporâneo para fundar na história das ciências, uma filosofia da razão. O positivismo é uma meditação sobre o século XIX”⁸.

III – RAZÕES DA INFLUÊNCIA POSITIVISTA NO BRASIL

Como e por que se operou entre nós tal recepção de idéias positivistas ?

Quais as razões do franco predomínio dessa corrente ao longo do primeiro período republicano de nossa história ?

“...não terá havido algo de peculiar ao nosso estilo de vida, condicionando a climatização de teorias que no mundo europeu atenderam às exigências ideais mais diversas e repercutiram em razão de condições culturais distintas... ? Algumas doutrinas filosóficas desempenharam entre nós função distinta da que lhes coube no Velho Mundo, sofrendo, às vezes, alterações imprevistas e até mesmo deformações dotadas de significação especial nos horizontes de nossa cultura.”⁹

Na verdade, a despeito do que muitos autores afirmam¹⁰, não se tratou de mera transplantação de idéias.

Houve sim, nesse transplante de idéias, como o demonstrou Cruz Costa, uma conformação, ou até mesmo uma deformação delas “em face das circunstâncias próprias do nosso ambiente...”¹¹

Em todo seu livro “História das Idéias Filosóficas no Brasil”, A. Paim procura, por sua vez, confirmar essa mesma tese, mostrando nossos pensadores preocupados com os desafios de suas épocas: “...e fizeram no passado como o fazem no presente, a partir do ambiente brasileiro e não como cultores de idéias exóticas elaboradas no exterior”¹².

Que tipo de ambiente, ou que circunstâncias foram essas, que afinal nos fizeram, como querem alguns comentadores (entre os quais M. Reale, por exemplo, bastante claro no pensamento expresso abaixo), mais positivistas que os próprios franceses ?

É dentro dessa mesma perspectiva histórico-cultural que Miguel Reale analisando e indagando sobre as influências recebidas na história

da filosofia no Brasil, aponta como significativa a recepção do positivismo e a explica assim:

“...a começar pelo positivismo ortodoxo, que teve a sorte de realizar no Brasil, uma série de aspirações políticas que não encontraram ambiente propício em França para seu triunfo...Sob certo prisma, nós fomos mais “comtianos” do que os adeptos franceses do autor do Sistema de Política Positiva, cujos pontos de vista teóricos foram convertidos, com o advento da República, em prática ideológica. Mais importante, porém, de que o estudo dos ortodoxos do comtismo é a apreciação daquele movimento que sob a denominação lata de Escola Positiva, congregava, tanto seguidores de Comte como de Spencer, Noiré,...etc.” “Pois bem, a essa corrente de pensamento foi dado realizar uma tarefa crítica, no mais amplo sentido desse termo, colocando em xeque valores tradicionais, como o propósito de indagar das raízes de nossas crenças e tradições. Num país, que não passara pelo crivo de Voltaire,...Hume,...Kant,...o “positivismo” (lato sensu) operava como a forma de criticismo compatível com as nossas circunstâncias”¹³

e, mais adiante:

“...os povos vão formando a sua herança histórica, com suas perplexidades e preferências, seus antagonismos e seus modelos, em função dos quais encadeiam os seus sentimentos e aspirações. Numa terra marcada pelo sentido superior de integração de todos os valores étnicos,...tudo nos predispõe à recepção das idéias de todos os quadrantes, não para uma justaposição superficial e extrínseca, mas para a lúcida compreensão...”¹⁴

Geraldo Pinheiro Machado, por sua vez, aponta a conexão das premissas positivistas com o movimento republicano, bem assim com a vida política e com os fatos e situações da época do advento do positivismo no Brasil, principalmente a proclamação e a institucionalização inicial da república (conexão essa estabelecida justamente em virtude do “papel interpretativo e diretivo das tendências político-sociais” que o positivismo assumia, ao tomar a própria realidade histórica e social como objeto de análise para interpretá-la segundo os esquemas filosóficos de A. Comte), como um dos principais fatores responsáveis pela aceitação, receptividade e ascensão do positivismo no Brasil.¹⁵

João Camilo de Oliveira Torres, entretanto, em seu livro “O positivismo no Brasil”, aponta uma série de fatores que poderiam ser indi-

cados como responsáveis pela recepção da doutrina comtiana em nosso país, como por exemplo:

- o positivismo fornecia uma série de esquemas, receitas ou fórmulas mágicas que respondiam a todas as situações problemáticas, numa época em que tal saber enciclopédico ainda era possível,
- ao valorizar o fenômeno sensível e empírico, representava uma reação contra os excessos metafísicos de então,
- confiança na possibilidade de uma abordagem científica dos fatos sociais pelos positivistas,
- as muitas falhas e deficiências de nossa cultura intelectual e da nossa organização de ensino também propiciaram isso, etc...¹⁶

Já Tocary, Assis Bastos, analisa as vocações políticas, pedagógica e religiosa do comtismo brasileiro, para apreender suas conseqüências na realidade brasileira¹⁷.

Por outro lado, o entusiasmo pelo positivismo e a constância pelo seu culto persistindo até os nossos dias é esclarecida por A. Carneiro Leão, ao analisar o advento dos estudos sociológicos nas Américas e no Brasil, pela "índole da nossa gente" que ansiava por "acomodar a estrutura política do Estado dentro das altas aspirações de dignidade humana" proclamadas pelo positivismo.¹⁸

É interessante, contudo, lembrar aqui a análise do Prof. Djacir Menezes¹⁹, do sentido conservador do positivismo, cujo alvo, apesar do culto a tantas liberdades (civis, políticas e religiosas), é justamente a instauração de um regime sociocrático, semelhante aos regimes políticos da Idade Média ou aos estados totalitários da nossa época.

Por paradoxal que pareça, foi justamente esse sentido conservador que propiciou, segundo o Prof. Antonio Paim, entre os republicanos brasileiros, a simpatia pelo positivismo e explica a sua difusão posterior no sistema de ensino oficial (tanto civil como militar) do nosso país, persistindo até os nossos dias²⁰.

IV — A INFLUÊNCIA POSITIVISTA NO BRASIL

As manifestações da influência e da sobrevivência do Positivismo são bastante claras entre nós, como mostra a leitura dos inúmeros autores aqui citados, principalmente por ter sido o Brasil, segundo a maioria desses mesmos autores, o país onde, em todo mundo, foi maior e mais profunda a repercussão da obra de A. Comte.

Muitas das nossas instituições nascidas com a República, trazem até hoje a marca das correntes de pensamento ligadas ao positivismo que as fundaram.

Jornais, revistas, livros, conferências, aulas etc... é sempre possível, ainda hoje, se detectar alusões pró ou contra, temas positivistas.

Além disso, permanece intacto em nossa Bandeira, o lema positivista, cujo programa político concilia a Ordem com o Progresso, ou seja, a estática com a dinâmica social.

Passamos agora a relacionar abaixo, alguns dos aspectos principais da influência do positivismo na vida intelectual, política, educacional e social do Brasil, mencionados pelos autores consultados:

I

A característica mais marcante do positivismo, ou pelo menos a que deixou raízes mais profundas no espírito nacional, parece ser a tese que não admite outra realidade além dos fatos.

O positivismo proclama-se como saber positivo (afirmativo, fecundo, verdadeiro) justamente porque só se ocuparia das relações entre os fatos, o que redundou, inevitavelmente, num "desprezo à metafísica" e num desprestígio crescente da filosofia em nosso país.

Tal situação consubstanciou-se na reforma do ensino levada a efeito por Benjamim Constant em 1891, que abrangeu todo o sistema educacional do país, e configurou toda a evolução posterior do ensino brasileiro no período republicano.

Essa reforma, e a Lei Orgânica do Ensino (1911) praticamente aboliram o ensino da filosofia no país, que só vai ter condições de ser restaurada em 1915, com a reforma de Carlos Maximiliano, a reforma Rocha Vaz em 1925 e, finalmente em 1931, com a reforma Francisco Campos²¹.

II

É bastante compreensível, portanto, que sendo o positivismo a filosofia norteadora do pensamento da elite intelectual e política dominante no Brasil, e sendo nessa época (1891) o ministro da Educação seguidor de tal doutrina (Benjamim Constant), a mentalidade pedagógica brasileira tenha sido fortemente marcada pelas teses positivistas e que sua influência se faça sentir até hoje na evolução, organização, estrutura e funcionamento do ensino brasileiro, permanecendo nos meios educacionais brasileiros "uma espécie de subconsciente positivista"²².

III

Outra idéia que bem caracteriza a mentalidade positivista no Brasil diz respeito a uma atitude peculiar em relação à natureza do saber científico: só é verdadeiro o saber que parta do dado sensível.

Nesse sentido, a observação seria a única base de conhecimentos possível. Aqui o termo positivo supõe um estado de espírito, contrapondo-se a quimérico, ao que é simples objeto de curiosidade.

Disso se conclui que nenhum conhecimento vago é permitido, nada que suscite dúvida ou crítica, a busca científica restringe-se ao fato indiscutível²³.

Só a partir do dado sensível, sem problematizá-lo seria possível estabelecer-se um sistema de ciências²⁴. Isso levou a uma supervalorização das ciências positivas, o que num país sem grandes tradições filosóficas resultou num sistema de ensino de caráter enciclopédico, que na verdade não trouxe qualquer contribuição para o progresso das ciências no país, na medida em que se alinhava a um falso conceito de ciência.

A esse propósito, assinala o Prof. Cruz Costa, eram até anti-científicas as posições positivistas em relação a assuntos como: vacinação, saúde pública, medidas oficiais de higienização, a exportação do café, nosso principal produto agrícola etc...²⁵.

IV

Indiscutível e preponderante, foi também a influência do positivismo na formação de nossa elite militar: em 1904, no período inicial da república em 1920, com o chamado fenômeno do tenentismo em 1930 com o governo provisório chefiado por Getúlio Vargas, em 1932 com o movimento armado em São Paulo sob a bandeira da constitucionalização do país, e até em nossos dias, como exemplos na maioria dos pronunciamentos de militares em nosso país²⁶.

Sendo o ensino oficial nas academias militares, desde o início, dada a sua orientação matemático-científica (círculo no meio do qual proliferou o comtismo brasileiro), marcadamente positivista, isso não deixa de ser estranho, ou, pelo menos, um fato controvertido na história das idéias no Brasil, como assinala João Camilo de Oliveira Torres: "...esse de serem focos do positivismo — doutrina pacifista e antimilitarista — o exército e a marinha"²⁷.

V

A influência de A. Comte sobre o pensamento brasileiro, se exemplifica ainda não apenas nos chamados "Apóstolos", mas também naqueles intelectuais que integraram a geração republicana, os quais embora não se deixassem empolgar pelas teses do "positivismo ortodoxo", se entusiasmvavam por algumas de suas implicações principalmente porque delas lhes advinha a "confiança na possibilidade de uma abordagem científica dos fatos sociais"²⁸. Em outras palavras, o positivismo fornecia-lhes o

instrumental teórico para análise da sociedade, equiparada a um organismo ou corpo (aqui se configuram os pensadores de “espírito positivista”²⁹), o que terminou por caracterizar entre nós, um tipo de ciência social cuja análise causal e determinista na busca de explicação do fato social passou a tomar o homem não como agente histórico e criador, mas reduzindo-o a um papel secundário e exterior³⁰.

VI

A busca ou a conquista do regime sociocrático preconizado por A. Comte, foi certamente outra forte influência no contexto político brasileiro, desde os primeiros anos da república, com a filiação da forma ditatorial de república (em oposição à tendência liberal-democrática) à corrente positivista.

Aliás, o aspecto político do positivismo no Brasil, parece constituir matéria predileta dos historiadores das idéias nacionais, ao estudarem a influência dessa doutrina filosófica entre nós³¹ e dos inúmeros comentaristas do problema, com a análise de exemplos concretos como: a proclamação e instauração da república, o fenômeno castilhanista no Rio Grande do Sul, a atuação política de Getúlio Vargas, o Estado Novo etc...

VII

Por outro lado, também a vida intelectual artística e literária no Brasil foi atingida pela mentalidade positivista, pelo sentido positivo imprimido à atividade intelectual de muitos brasileiros, pela sua forma concreta de pensamento e, muitas vezes, pelo desinteresse em cogitações de natureza puramente abstrata ou metafísica.

É o que mostra o Prof. Ivan Lins, num estudo sobre a influência positivista na Academia Brasileira de Letras, apontando exemplos dessa influência em trabalhos de seus fundadores e sucessores, todos, em graus diversos, tocados pelo Positivismo para combatê-lo ou exaltá-lo³², e também nas apreciações de J. Camilo de Oliveira Torres, em sua análise sobre o Positivismo na arte e literatura brasileiras, indicando expressões da ação ou inspiração positivista, muitas vezes indireta, mas sempre expressiva, na poesia, arquitetura, escultura e pintura brasileiras³³.

VIII

Ainda em relação às “posições principais do positivismo brasileiro”³⁴, podemos referir à sua ligação com importantes problemas sociais, tais como os assinalados por Geraldo Pinheiro Machado:

— oposição à escravidão, que incluía não só a propaganda abolicionista, mas também atos mais concretos como: proibição aos membros

do apostolado da posse de escravos, elaboração de planos de integração social e aculturação dos escravos libertos etc...

— republicanismo, envolvendo a crítica da ação política do império e o advento da sociedade pacífico-industrial, o que por sua vez, incluía temas como: a escravidão (acima citada), o aniquilamento dos índios e de sua cultura, a usurpação de suas terras, o problema das liberdades civis, as guerras e os crimes coloniais, a defesa de objetivos pacíficos para o exército, a valorização do trabalho operário na sociedade industrial moderna nascente etc...

— o não envolvimento do poder temporal, ou a intervenção do estado em assuntos do poder espiritual, ou de ação individual, tais como: obrigatoriedade de ensino, manutenção de escolas, vacinações, diplomas, universidades etc...

IX

Do ponto de vista religioso, o positivismo ortodoxo brasileiro, praticamente toma a forma de um "catolicismo inconsciente"³⁵, a Religião da Humanidade, revela em seu templo (Rio de Janeiro), na sua própria construção e arquitetura, as orientações e detalhes da obra do Mestre.

A esta ala ortodoxa e dogmática, não a mais atuante e significativa do movimento positivista brasileiro, coube um papel mais conservador, em contraposição, como já vimos, à ala heterodoxa, impregnada mais de espírito positivo que de positivismo propriamente dito, cuja atuação foi muito mais dominante em nossa cultura.

Tal fato se explica, segundo Luiz Washington Vita pela relevância filosófica dos heterodoxos em relação aos ortodoxos, cuja importância foi quase tão-somente religiosa, o que por outro lado, explica, em parte, a preferência dos estudiosos pelos positivistas heterodoxos, possuídos do "espírito positivo".³⁶

V — CONCLUSÃO

A primeira conclusão a que se chega com o estudo da influência do positivismo no Brasil, é a de que ele parece fornecer uma revisão completa do pensamento brasileiro em todos os seus aspectos: literário, filosófico, político e religioso.

E o que é mais importante, aceitando ou não as teses que os positivistas sustentavam, somos forçados a concordar com o fato de que eles sempre responderam presente a todos os grandes problemas sociais brasileiros: ..."não houve nenhuma questão econômica, política, social, educacional, de interesse coletivo em suma, que não encontrasse eco entre

os positivistas nos fins do Império e nas primeiras quatro décadas da República. Em tudo metiam o dedo, dando o ponto de vista da doutrina, deitando falação; tudo servia de pretexto para mais uma circular do Apostolado. Sempre tinham uma palavra de orientação em cima da hora"³⁷.

Finalmente, as premissas filosóficas de Augusto Comte, enraizaram-se de tal forma no pensamento brasileiro, e não apenas nas elites culturais, que até em nosso folclore, em nossa música popular, seu nome aparece cantando com simpatia, como o prova este samba de Noel Rosa e Orestes Barbosa, tão bem lembrado por Ivan Lins:

Vai, orgulhosa querida,
Mas aceita esta lição:
No câmbio incerto da vida,
A libra sempre é o coração.

O Amor vem por princípio, a ordem por base,
O progresso é que deve vir por fim.
Desprezaste esta lei de Augusto Comte
E foste ser feliz longe de mim...!³⁸

VI – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMPOS, Astério — "Que há com a Filosofia no Brasil?", in: Revista Brasileira de Filosofia, XXIII (91): 42 — 54, jul. — set./73.
- CARNEIRO LEÃO, A. — *Panorama Sociológico do Brasil*, Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, INEP — MEC, Rio de Janeiro, 1958.
- COSTA, Cruz, — *O Positivismo na República*, São Paulo, 1956, Cia. Ed. Nacional, 203 pp.
- LINS, Ivan — "O Positivismo na Academia Brasileira de Letras", RBF, XVIII (69): 3 — 21, jan. — março/1968.
- GOMES DOS SANTOS, Carlos Alberto — "A passagem do conceito oitocentista ao conceito contemporâneo de ciência na obra de Otto de Alencar e Amoroso Costa, in: RBF, XXV (94): 167 — 186 abr. — jun./1974.
- MORAES FILHO, Evaristo de — "Notas e Comentários sobre o livro História do Positivismo no Brasil de Ivan Lins", in: RBF, XV (57), jan. — março/1965, pp. 59,69.
- PAIM, Antonio — "Introdução à Filosofia Contemporânea no Brasil: a mentalidade positivista", in: RBF, XVI (64): 549 — 576, out. — dez./1966.

- PAIM, Antonio — **História das Idéias Filosóficas no Brasil**, São Paulo, Grijalbo/USP, 1967, 276 pp.
- PAULA LEITE, Antonio Roberto — **Presença de Alberto Sales**, Campinas — SP — Ed. Maranata, 1977, 70 pp.
- PINHEIRO MACHADO, Geraldo — **A Filosofia no Brasil**, S. Paulo, Cortez e Moraes, 1976, 128 pp.
- REALE, Miguel — “**Perspectivas da Filosofia no Brasil**”, in: RBF, XXIII (91): 3 — 16, jul. — set./1973.
- VITA, Luiz Washington — **Antologia do Pensamento Social e Político no Brasil**, Pan-Am e Grijalbo — SP, 1968, 484 pp.
- VITA, Luiz Washington — **Alberto Sales — Ideólogo da República**, SP, Cia. Editora Nacional — USP, 1965, XVI — 201 pp.

NOTAS

- (1) A. PAIM, Introdução à Filosofia Contemporânea no Brasil, p. 550.
- (2) Ibid., p. 551.
- (3) C. A. GOMES DOS SANTOS, A passagem do conceito oitocentista ao conceito contemporâneo de ciência na obra de Otto de Alencar e Amoroso Lima, p. 169.
- (4) Geraldo PINHEIRO MACHADO, A Filosofia no Brasil, p. 42.
- (5) Roberto A. de PAULA LEITE, Presença de Alberto Sales, 60 pp.
- (6) Evaristo de MORAES FILHO, Notas e Comentários sobre o livro “História do Positivismo no Brasil” de Ivan Lins, p. 62.
- (7) Ibid. p. 62.
- (8) Ibid., p. 63.
- (9) Miguel REALE, A Filosofia em São Paulo, p. 11, apud Astério CAMPOS, O que há com a filosofia no Brasil, pp. 49 — 50.
- (10) Ver por exemplo: Roberto A. de PAULA LEITE, Raízes Filosóficas, de Alberto Sales, p. 146, onde o Autor caracteriza a escassez de originalidade nas contribuições brasileiras no campo espiritual e apresenta a filosofia no Brasil como mero “repositório de influências estrangeiras” p. 146.
- (11) Cruz COSTA, O positivismo na República, p. 10.
- (12) Antonio PAIM, História das Idéias Filosóficas no Brasil, p. 10.
- (13) Miguel REALE, Perspectivas da Filosofia no Brasil, p. 7.
- (14) Ibid., p. 16.
- (15) Geraldo PINHEIRO MACHADO, A Filosofia no Brasil, pp. 41 — 42.
- (16) João Camilo de OLIVEIRA TORRES, O positivismo no Brasil, pp. 8, 19, 325, e outras.
- (17) Tocary ASSIS BASTOS, O positivismo e a realidade brasileira, p. 24.
- (18) A. CARNEIRO LEÃO, Panorama Sociológico do Brasil, pp. 41 — 45.
- (19) Djacir MENEZES, A Filosofia no Brasil no século XX, apud Antonio PAIM, História das Idéias Filosóficas no Brasil, p. 181.

- (20) Antonio PAIM, *Introdução à Filosofia Contemporânea no Brasil*, pp. 551 – 552.
- (21) Id. pp. 560 – 561.
- (22) João Camilo de OLIVEIRA TORRES, *op. cit.*, p. 264.
- (23) C. A. GOMES DOS SANTOS, *op. cit.*, pp. 172 – 175.
- (24) Antonio PAIM, *Introdução à Filosofia Contemporânea no Brasil*, p. 559.
- (25) Cruz COSTA, *op. cit.* pp. 67 – 68.
- (26) Id., p. 562.
- (27) João Camilo de OLIVEIRA TORRES, *op. cit.* p. 275.
- (28) Antonio PAIM, *Introdução à Filosofia Contemporânea no Brasil*, p. 574.
- (29) Ver, a esse respeito, a distinção estabelecida pelo Prof. Miguel Reale entre “positivismo” (correspondente à ação e pregação dogmáticas do Apostolado) e “es-pírito positivo” (a cujas idéias e teses positivistianas, preservando apenas algumas premissas filosóficas) apud L. W. VITA, Alberto Sales Ideólogo da República, p. 154.
- (30) A. PAIM, *op. cit.* p. 575.
- (31) Evaristo de MORAES FILHO, *op. cit.*, p. 66.
- (32) Ivan LINS, *O Positivismo na Academia Brasileira de Letras* p. 6.
- (33) João Camilo de OLIVEIRA TORRES, *op. cit.* pp. 289 – 300.
- (34) Geraldo PINHEIRO MACHADO, *op. cit.* pp. 44 – 48.
- (35) João Camilo de OLIVEIRA TORRES, *op. cit.*, p. 276.
- (36) Luiz Washington VITA, *Antologia do Pensamento Social e Político no Brasil*, p. 227.
- (37) Evaristo de MORAES FILHO, *op. cit.*, p. 61.
- (38) Ivan LINS, *op. cit.*, p. 21.